

ELVIRA VIGNA

# A um passo

*Posfácio*

José Luiz Passos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Elvira Vigna

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e desenho*

Elisa von Randow

*Revisão*

Marise Leal

Márcia Copola

Arlete Sousa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Vigna, Elvira, 1947-2017

A um passo / Elvira Vigna. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN: 978-85-359-3108-2

1. Ficção brasileira I. Título.

18-14334

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

A UM PASSO, 7

*Posfácio*: A República dos jacarés — José Luiz Passos, 209

A UM PASSO

*Halló que el arena de la boca del río,  
el cual es muy grande e honda,  
era diz que toda llena de oro,  
y en tanto grado que era maravilla [...]   
que en poco espacio halló muchos granos,  
tan grandes como lentejas [...]   
y volviéndose a la carabella  
hallaba metidos por los aros de los barriles  
pedacitos de oro...*

8 de janeiro de 1493  
Diário de Cristóvão Colombo

É um sofá velho e sujo e a moça está olhando para ele como quem pensa como o sofá é velho e sujo e o gringo então diz, ainda da porta:

“O sofá é velho e sujo.”

Mas a moça dá de ombros e, alteando as sobrancelhas, responde com desdém — não pelo sofá mas pelo homem baixo, seco, que surgia:

“É um chippendale.”

Só que o chippendale sai chipeindeile e o gringo sorri. Ahhh. É das suas. E vai se chegando já sabendo que por qualquer pulseirinha de ouro de baixa qualidade aqueles olhinhos maquiados irão brilhar e aquela boca grande cheia de batom fará o que ele mandar.

A boca fala e gringo, fingindo chegar perto para examinar melhor o sofá, vai chegando perto. Até sentir o cheiro do desodorante, porque é essa a sua medida: na primeira chegada, o limite de aproximação é o cheiro do desodorante.

A moça alisa o estampado com uns dedos nervosos, promiss-

sores e o gringo olha o estampado que o espantava sempre, jacarés de rabo levantado, marrom, entrelaçados com enormes flores tropicais de todas as cores, e então fica fácil fingir o espanto que deveras sente.

“O fingidor... o fingidor...”

E tenta recitar Pessoa usando cara de talk show de TV, não porque acha que vai cair bem (não é o caso de se esforçar muito para impressionar a dama presente), mas simplesmente porque lembrou da estrofinha. Lembrou é maneira de dizer, além da palavra fingidor, não está saindo mais nada.

Gringo balança o uísque, a moça faz hein.

Da porta vem um rock e a moça levanta a voz.

Que era nesse sofá que a mãe de P. sentava todas as tardes para fumar e jogar patience, assim em francês, pois era isso que a mãe de P. fazia nos últimos anos de sua vida: fumava e jogava patience.

“Antes de ir para o asilo, quero dizer.”

O gringo alisa o sofá, se atendo a um buraco do estofado, buraco feito pela brasa de um dos cigarros de sua mãe, sua dele, gringo, o sofá foi da sua-dele mãe e não da mãe de P., a moça mentia. O mundo mentia. Ou tanto faz, tantas mães e só esta moça no sofá, a trazer lembranças ou não são lembranças, porque depois de muita coisa que se toma, bebe, cheira, bota e vive, lembranças ficam sendo o que parecer legal na hora. E o buraco se torna, então, um buraco negro a partir do qual gringo tenta organizar, ou fazer sumir, todo o resto: jacarés de rabo levantado embaixo de uma moça que ele achou ser uma total desconhecida mas que, pelo visto, não o é, dentro de um quarto cheio de gente, onde há, além dele, da moça e das pessoas, um sofá velho,

um espelho que rachou na mudança, e um telão com clipes musicais sem o som. E para lá da porta, o resto da festa feita por P. mas onde P. não está. E para cá da porta, vinda da janela, uma luz ritmada, verde, sem verde, verde, sem verde, que o raciocínio diz ser o néon de um anúncio luminoso da rua, mas quem garante. O último dia da terra, com marcianos.

Ela não para de falar. O melhor nessas horas é deixar que o uísque ou outra coisa nos leve a todos para seu mundo amarelo-claro, o sol com satélite — não são satélites. Planetas, um sol com seus planetas — os gelinhos, tlec, tlec.

“A mãe de P. falava patience em francês porque ela gostava de francês.”

É verdade.

“Fico tentando recuperar esta palavra, você sabe, a nível de personagem. Esta palavra em francês, dita com o sotaque carregado de judia alemã, mas também com alguns sons aspirados do castelhano.”

A nível de não, a nível de é foda, e gringo pega outro uísque que flutua na altura de seus olhos, com um guardanapinho de papel que já se desmancha na sua mão mas a pausa está terminando e a moça torna a dizer a nível de, sendo que desta vez é a nível de recuperação.

Toda recuperação — da memória — precisa de uma parte de esquecimento para que faça sentido, do contrário tão concre-

ta seria. Agora a mãe de P. não tinha passado seus últimos anos antes do asilo apenas fumando e jogando patience, mas também olhando para uma televisão sem som que ficava em frente ao sofá de jacarés.

“Então, imagina, a sala com esse sofá de um estampado tão, tão...”

Tão tropical-visto-por-europeu onde repercute essa palavra francesa-judia-alemã-portenha: patience. E onde as imagens fictícias absolutamente sem características culturais da televisão são uma necessidade vital, o fio terra. Porra, ele quis apenas uma trepadinha de festa. Do seu lado, a moça remexe na bolsa e ela podia tirar de lá um revólver ou um cigarro. Cigarro, e o gringo lembra de um cigarro tão antigo, a moça fumará o cigarro da mãe, fumará furiosamente, olhando o telão sem som da parede em frente enquanto engorda, pouco a pouco, dentro do seu vestido antiquado, ocupando mais e mais jacarés, até expulsar do momento presente o corpo magro e vagamente masculino do gringo, o que se dará quando ele entrar — é o caso de gritar por socorro já ou daqui a pouco? — quando ele entrar pelo buraco negro cada vez maior do sofá. Um cu sideral. Bueno, not so bad, nem é cigarro. A moça passa o pente pelo cabelo.

Quantos anos, milênios, a mãe morta, a boca ligeiramente aberta, a terra por cima, o barulho da terra caindo por cima, e o calor do caminho de volta.

“Ela roubava nas cartas.”

Alguém o cumprimenta da porta, oi.

“Ela roubava nas cartas mas não como eu e você roubamos nas cartas, furtivamente. Ela roubava com convicção. Não era um roubo a bem dizer, era uma correção. Existia uma maneira correta de as cartas se apresentarem e, quando isto não acontecia, era necessário um ajuste, uma correção.”

A moça passa o pente no cabelo. O gringo tem a sensação de que ela não está passando o pente pelo cabelo mas representando uma cena onde deve passar o pente pelo cabelo. O cara da porta, depois do oi, deixa-se ficar, talvez esperando um convite para enturmar que não vem, nem por nada, mas apenas porque o gringo, apesar de ter certeza de conhecê-lo bem, não se lembraria do seu nome se tiver de falar com ele ou apresentá-lo à moça. Aliás, que nome falso a moça daria quando ele perguntar o seu nome? Enfim, um conhecido impessoal e uma desconhecida pessoal, isso vai acabar em poesia concreta, e gringo pensa

em perguntar à moça se ela gosta de poesia concreta, você gosta de poesia concreta, minha filha?

O hein.

Um tipo comum e gringo se lança, usando para isso sua melhor voz grave, porque gringo é baixo, magro, mas tem uma insuspeitada voz possante e ele gosta de se aproveitar disso falando e olhando a cara surpresa das pessoas. Então capricha.

“Você embaixo, P. no meio e, em cima dele, essa luz verde de néon que entra nele, ritmada, pum, pum, estupradora, sem parar, ahhh, vou gozar.”

A moça muda e gringo continua, desta vez com sua melhor voz meiga (a segunda opção), aqui neste sofá, querida, é aqui neste sofá que vocês trepam.

Uma brincadeira particular. Porque quando trepavam, gringo dizia para P., tem andado com mulher, não é?, sem nunca saber ao certo se era uma brincadeira ou não, se tinha ou não tinha, mas dizia, e fazia de conta que, sim, era brincadeira. Isso antes. Porque a festa é festa de fim. Mas, de qualquer modo, no sofá é que não era, porque P. só trepa no chão e esse pensamento permite que continue:

“Você é transa nova, não é? É por causa de você que ele su-

miu. Ele armou tudo, aquela barbie. Fez a festa, chamou você, falou tudo sobre minha mãe para você, avisou todo mundo que ia fazer um discurso importante e, fiu, sumiu.”

Hora de gargalhadas teatrais não fosse o cansaço.

Entre o copo, não mais gelado, mas apenas frio, e a pele, quente, há os restos do guardanapinho molhado, uma trepada acabada. É preciso jogar isso fora além de outras coisas, mas começando por isso: jogar fora o guardanapo, virar para dentro de um dos orifícios do corpo aquele resto de água iodada que dois gelos urinam devagar, próstata entupida, mas um berro, garçon, um scotch aqui, afastará a morte por mais alguns instantes. Sem nenhuma dúvida de que o garçon o atenderá de imediato, el gringón manterá o braço levantado. Depois, pegará seu novo uísque e se afastará, bye baby, daquele buraco negro do sofá que, vamos parar com isso, sua mão volta a acariciar. Sim, bye baby, e sairá pela porta a elogiar no caminho algum detalhe da casa nova de P., bonito isso aqui, santa.

Conhecidos impessoais — essas minhocas que despontam dos tapetes das salas das festas aos primeiros pingos de uísque. El gringón andaria entre eles procurando P., não por querer vê-lo, mas porque seria alguma coisa a fazer nesta festa absurda e chata. Diria: estoy procurando P., aquele puto sumiu. E o palavrão imediatamente produziria uma aproximação com o estranho à sua frente. E procurando P., ele chegaria perto de uma moça, outra moça, ou não seria moça, mas quase, mas quem de qualquer modo nunca teria visto na vida e diria:

“Bom te ver aqui”, com olhares significativos, esperando que a moça, ou quase, então levasse a ação dali em frente, porque agora não é só o ânimo e o braço que não levantam, é tudo, nisso incluindo as pernas, vou vomitar, mas a moça diz:

“Errou.”

É a vez do gringo dizer hein.

“Você errou. Era nesse sofá que eu e P. fazíamos amor. Era e não é. Porque P. foi embora e não volta mais, você não sabia?”

Não é só a bebida, o pó, o fumo, a vida inteira e mais uma